

122

pela delegacia de policia e prisões; a sala de entrada ainda continha, por sobre o quarto do carcereiro, a escada para o andar superior, finda a qual tinha-se entrada para a sala da Câmara num lado do andar superior, e, do outro lado, a sala do arquivo com o grande armário fixo na parede, do chão ao fôrro, e mais uma outra sala, cômodos todos, e mais o armário, com pintura a óleo branca, assim como os caixilhos, enquanto tôdas as fôlhas das janelas, tanto de cima como de baixo, oleadas de verde com as portadas côr de chumbo (fig. 15).

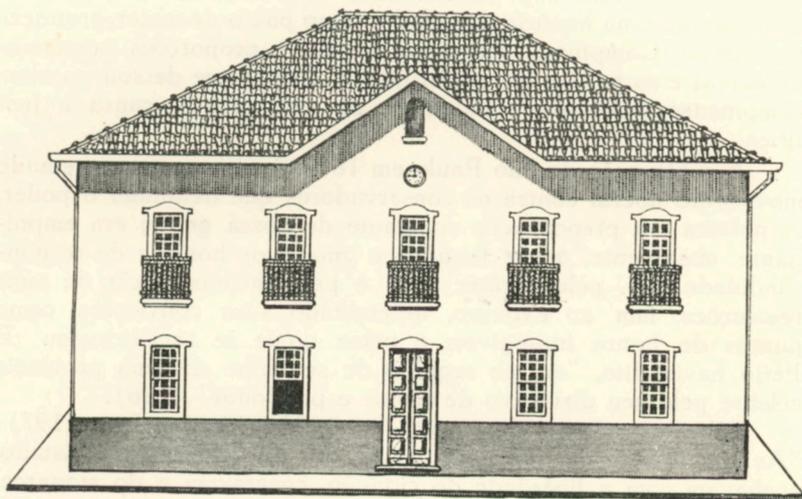


Figura 15 — A primeira Cadeia, depois da reforma (demolida).

## VENDA GRANDE

Venda Grande tem sido para Campinas uma tradição estre-mecida; os antigos a ela se referiam com veneração, cultivando sua memória como a de um ato meritório, caro e merecedor de uma lembrança que se perpetuasse, que se transmitisse às gerações vindouras. Ouvimos na meninice a repetição de sua história, o sacrifício das vitimas imoladas, nomes dos que ali morreram, dos que, prisioneiros, desceram para Santos desfilando pela sua rua de Santo Antônio com destino ao cais de onde os navios os levariam para julgamento na Côrte. Campinas viveu, através de gerações, o embate traumático de um movimento armado idealista que se extinguiu tristemente para os elementos locais, vencidos

e vencedores; a anistia de 1843 e o retôrno dos revolucionários aos seus lares, não apagou o luto da gente campinense que o conservou em tradição familiar.

Pequenino não foi o significado do combate da Venda Grande que repercutiu decisivamente na ânimo da restante tropa revolucionária, desanimando-a; foi, em nossa província, com o encontro de Silveiras, um dos dois únicos embates de forças antagonicas, únicas deflagrações de armas de guerra, únicas refregas cruentas de tropas revoltosas com tropas regulares, e sua memória superou as proporções destes encontros, constituindo um abalo moral na familia campinense cuja sensibilidade duradoura a colocou como fato marcante na história da cidade, como passo de maior grandeza na vida de Campinas. Pequenas foram as proporções numéricas de baixas e as perdas materiais; mas a cicatriz que deixou na alma campinense, profunda e indelével, só uma grande causa a justifica.

A sublevação de São Paulo em 1842 significou um extremado movimento liberal contra os conservadores que detinham o poder. A politica era preocupação constante de nossa gente; era empolgante, absorvente, quase fanática e guiava os homens de responsabilidade que, pelo caráter puro e pela intransigência de suas resoluções, iam ao extremo, defendendo suas convicções como pontos de honra intangíveis e pelos quais se sacrificavam. E Feijó havia dito, "eu me orgulho de ser filho de uma província célebre pelo seu distintivo de honra e pundonor" (196).

Sobre os motivos da revolta, conta Washington Luís (197): "As leis da reforma judiciária e criadora do Conselho de Estado, acabavam com a liberdade do cidadão, coactavam a do monarca, atentavam contra a constituição do país, violando o ato adicional. A anulação do poder legislativo pelo golpe de estado de 1º de maio de 1842 que dissolveu a Câmara dos Deputados, em maioria contra o governo, antes de ter os seus poderes reconhecidos, sob o fundamento de vícios do processo eleitoral, amputara à oposição o recurso legal". O mesmo diz Tavares de Lira (198) afirmando: "todos estavam acordes: era no combate sem tréguas ao liberalismo. E de sua harmonia de vistas neste particular provieram, além de muitas medidas vexatórias, o restabelecimento do Conselho de Estado, a votação da lei de 3 de Dezembro de 1841 e a disso-

196. F. J. de Oliveira Viana, «Populações Meridionais do Brasil» 54.

197. Washington Luís, «Diogo Antônio Feijó» na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo XII.

198. Augusto Tavares de Lira, «Constituição para a Biografia de D. Pedro II» na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo especial 242.

lução da Câmara dos Deputados, atos que os conservadores defendiam na esperança de se perpetuarem nas posições oficiais, a salvo de surpresas”.

No poder os conservadores desde 23 de março de 1841; na presidência da província de São Paulo o baiano Barão de Monte Alegre, exasperaram-se os liberais de várias províncias, e em São Paulo projetou-se a deposição do presidente e aclamação do brigadeiro Tobias para este alto cargo. Chefiou o movimento já no fim das confabulações, o velho e hemiplégico senador Feijó, que para traçar planos se encaminhava em sua liteira (199), à casa de Antônio Manuel Teixeira, chefe prestigioso nesta província. Contam-nos, então, as testemunhas ouvidas no processo crime presidido pelo chefe provincial de polícia, José Augusto Gomes de Meneses, que teve por escrivão Joaquim Roberto Alves, como se desenvolveu a conjura em Campinas:

“parece ter havido algum concôrto entre Tristão de Abreu Rangel e algum outro, com Antônio Manuel Teixeira, Reginaldo Antônio de Moraes Sales, Francisco Teixeira Nogueira, Luciano Teixeira Nogueira e Angelo Custódio; que nesta cidade nas proximidades do rompimento de Sorocaba, se reuniram algumas noites em casa de Antônio Manuel Teixeira e também em casa de Reginaldo Antônio de Moraes Sales, determinadas pessoas”.

Foi este o início do depoimento da testemunha Cândido Gonçalves Gomide, “casado, natural da cidade de Mariana, Província de Minas Gerais, morador desta cidade de Campinas onde vive de seu emprêgo de Cirurgia, de idade que disse ter cinqüenta e um para cinqüenta e dois anos”. E continuou:

“supõe serem os principais motores da rebelião neste têrmo, Antônio Manuel Teixeira, Reginaldo Antônio de Moraes Sales, Francisco Teixeira Nogueira, Alferes das extintas Milícias, Luciano Teixeira Nogueira, Angelo Custódio e outros que com êles cooperaram e trabalharam no mesmo sentido. Que quanto a Antônio Manuel Teixeira sabe haver a portaria, digo sabe por ter visto a Portaria do Govêrno intruso, que fôra êle nomeado Comandante Militar neste têrmo, que em conseqüência desta nomeação reunira gente com que se pusera em observação nesta cidade, trazendo duas peças de artilharia que

199. Amador Florence, «Revolução de 1842» em Gazeta de Campinas 13/7/1882.

1915  
126

em seu Engenho tinha, que com essa gente se colocara no sítio do finado Teodoro junto à Venda Grande, na estrada para esta cidade e, digo para Piracicaba e Limeira que segue desta cidade, onde reunindo outros contingentes dispunha-se a vir tomar esta cidade por ordem do Governo intruso, quando foi batida pela força do Governo Imperial, no dia sete de junho. Quanto a Reginaldo Antônio de Morais Sales, sabe que muito influiu reunindo seus partidistas deste termo e gente da Limeira e São João, e que correu que ele se entendia com o Senador Vergueiro e com o Padre França, vigário de Piracicaba, e que consta que ele comandava a força que do Salto de Itu seguira para a Venda Grande e que, largando aí essa força, voltara a Piracicaba a reunir mais, segundo se colige de uma carta dele a Antônio Manuel Teixeira, e é voz pública. Quanto a Francisco Teixeira Nogueira, sabe por ser voz pública que reunira gente no Capivari de Cima (200) e com ela marchara para a Venda Grande e aí a comandava, assim como que se achou no ataque feito pelas forças Imperiais. Quanto a Luciano Teixeira Nogueira, sabe por ser público e notório que reunira gente em sua casa, e tanto isso é verdade que mandando o Coronel Chefe da Legião a sua casa chamá-lo pelo Sargento José Manuel (201) fora esse pelo dito Luciano mandado prender como recruta e remetido logo para Sorocaba. Quanto a Ângelo Custódio (202) sabe que na sua casa iam pousar todos os comprometidos que iam e vinham nesta direção e consta que, além de se prestar com agasalho e serviços particulares, também oferecera um filho para as forças da Venda Grande e dera mantimentos assim como que reunira gente. Que além destes, o Capitão Francisco José da Silva, instrutor da Guarda Nacional de Moji Mirim e desta cidade, andou com toda esta gente, e consta ter ensinado manejo em diversos lugares e na Venda Grande e foi também instrutor, assistiu o ataque e até foi ferido". "Disse que quanto à força reunida, só houve neste termo o da Venda Grande" e "que a força da Venda Grande se achava armada com duas peças de Antônio Manuel Teixeira, e de clavinhas, pistolas e lanças, e que Luís Batista dos Santos, vindo a esta cidade

---

200. É Monte Mor.

201. Trata-se de José Manuel de Castro.

202. O nome completo é Ângelo Custódio Teixeira Nogueira.

126

dera notícia que de Sorocaba se enviara para aqui duzentas armas que consta foram recebidas por Francisco Teixeira Nogueira”.

As outras duas testemunhas ouvidas foram o “tenente José Teodoro de Barros Cruz, solteiro, natural de Moji Mirim e morador desta cidade onde vive de seu negócio de fazendas, de idade que disse ter trinta e três anos”, e o “Capitão Joaquim da Silva Leme, casado, natural e morador do termo desta cidade onde vive de seu Engenho de fabricar açúcar e de sua tropa e de idade que disse ter quarenta e oito anos mais ou menos”.

Destas testemunhas foram os depoimentos de ratificação do primeiro. Acentuaram a chefia de Antônio Manuel Teixeira que ia a “casa do Senador Diogo Diogo Antônio Feijó, o qual lhe dava a direção para a revolução”, a atividade eficiente de Reginaldo Antônio de Moraes Sales, de Francisco Teixeira Nogueira, de Luciano Teixeira Nogueira e de Ângelo Custódio Teixeira Nogueira, e da vinda, emprestadas, que Antônio Manuel Teixeira “mandara buscar de sua fazenda, de duas peças de artilharia que ele tinha, com que pretendia assaltar a cidade”.

Contra a tropa legal que era gente de guerra dedicada a este ofício, e para a guerra armada e municada, vinda de várias regiões do país, Tobias de Aguiar juntou civis, políticos liberais, gente do trabalho apenas adestrada no manuseio de armas de caça, pais de família reunidos para ocupar a capital da província e depor o presidente, o que procurara fazer num lento movimento fracassado nos planos de acupá-la por forças da freguesia do Ó comandadas por Francisco de Castro, o que permitiu ao Governo anteceder-se no domínio da cidade de São Paulo; com esta antecipação das forças governamentais, estava anulada a revolução dos liberais paulistas.

Ainda com os mais sólidos fundamentos para ação bélica, não se pode deixar de considerar a exarcebação de ânimos dos políticos, e as soluções extremadas a que se entregaram, quando a prudência melhor aconselharia uma ação político-parlamentar vigorosa. Mas, escolhida por Rafael Tobias de Aguiar, a ação revolucionária, cedo se convenceu ele da impossibilidade de sua vitória e passou, de ordem enérgica para se organizar a força de Campinas que teria de atacar São Paulo sob o comando dos irmãos capitão Francisco e Luciano Teixeira Nogueira e do tenente Antônio Rodrigues de Almeida, (203) a retroceder para determi-

203. João Batista de Moraes, «Revolução de 1842» na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo XII 553.

nar apenas a defensiva. Assim mesmo com o ânimo dos chefes campinenses cujo cabeça, Antônio Manuel Teixeira, estava seguro de ocupar Campinas (204); sua tropa, cujo aspeto geral bem se harmonizava com o das demais tropas revoltosas, sofria limitação por ordem do mais alto comando, prudente por vê-la débil, como dizia Tobias em 7 de junho comunicando-se com Feijó (205):

“Visto constar que as forças inimigas em Campinas foram reforçadas em cento e tantas praças, uma peça de artilharia, e alguns caixões de armamento”, “e Antônio Manuel Teixeira com 200 e poucos homens pouco ou nada pode fazer, e ordenei-lhe em consequência que tivesse grande cautela, parecendo-me mais conveniente pôr-se na defensiva de que deverá sair somente no caso de tentarem alguma cousa sobre esta cidade ou outro ponto”.

Haviam-se os recolucionários alojado no engenho da Lagoa, ou sítio do Teodoro, ou Venda Grande como dizia o vulgo. Aguardando reforços, receberam de Itu um pequeno contingente sob o comando do capitão Boaventura do Amaral Camargo que, sendo oficial de artilharia, tratou de se utilizar das duas peças que Antônio Manuel Teixeira havia trazido do seu Engenho da Cachoeira. Com os homens vindos de Itú, veio também uma pecinha de artilharia imprestável que “ainda descansava no carro que fôra puchado pelos bois do Tristão, quando os caçadores de Bezerra a encontraram na Venda Grande” (206).

Quem estuda o mapa da região dos engenhos da Lagoa e do Chapadão, ambos de propriedade de Teixeiras, pode, com o relato dos cronistas citados, reconstituir o ataque desfechado de surpresa e a defesa precária que foi possível organizar: A estrada Campinas-Limeira, entrando nos terrenos do chapadão, defletia para a esquerda em busca da sede deste engenho pela qual passava, indo depois procurar o leito atual da estrada dos Amarais, ~~que justificava a abertura de caminhos em terras do Chapadão, dada a importância estratégica para a unidade de Ilhéus e a direção para as fazendas.~~

Estas ~~estradas~~ <sup>estradas</sup>, evidentemente, destinavam-se à defesa contra tropas que marchassem ~~para por ela~~ <sup>para por ela</sup>, único meio normal de alcançar, de Campinas, o solar da Lagoa. Mas a estratégia militar simulou um ataque de cavalaria por esta estrada e ~~transporte~~

204. Amador Florence, «Revolução de 1842» em Gazeta de Campinas 8/6/1882.

205. João Batista de Moraes, ob. cit. XII 566.

206. João Batista de Moraes, ob. cit. XII 563 e 565.

~~As forças de segurança~~ "surgiu no alto do pasto", enquanto os fuzileiros, através do engenho do Monjolinho de propriedade do presidente da província, Barão de Monte Alegre, no qual não faltaram guias e informantes dedicados que teriam conduzido as forças legais, aproximaram-se do sobrado da Lagoa pelo flanco, escondidos na macega, e surpreenderam os revoltosos com saraivadas de balas de fuzil de longo alcance.

Do verdadeiro historiador da Venda Grande, Amador Bueno Machado Florence que, em 1882, publicou sua história na Gazeta de Campinas, em catorze crônicas entre os dias 7 de junho e 16 de julho; dêste primeiro escritor filho do grande Hércules Florence que foi amigo íntimo e compadre do cabeça da revolução em Campinas, Antônio Manuel Teixeira; dêste cronista idôneo e metucioso que relatou com detalhes toda a ação revolucionária de quarenta e dois em Campinas, transcrevemos o seguinte relatório do chefe Antônio Manuel Teixeira, feito apenas terminado o combate da Venda Grande:

"Fomos surpreendidos sem que tivesse ainda chegado Reginaldo com os de Limeira. Esperávamos descansados e dispersos, alguns mesmo em profundo sono no velho sobrado e dependências, quando assomou no alto do pasto, em nossa frente, a cavalaria inimiga, contra a qual logo que pudemos apontar as duas pecinhas de difícil manobra nos tais carretões de arrastar madeira, bem ou mal, mandamos o nosso primeiro pelotinho (sic) de calibre 4, que nos pareceu dar com alguns em terra, pois estávamos distantes. Mal sabíamos, porém, que só chamavam para aquele ponto a nossa atenção, fingindo cair; o que queriam era que pelo flanco, todo em capoeira, nos viessem até quase a retaguarda os perequitos (207) do Bezzerra. E, de fato, quando demos por eles, foi já pelo relampejar das baionetas, e pelas cerradas descargas sobre o grupo dos nossos poucos que puderam tomar as armas em desordem e rodear bravamente as duas pecinhas, cujos tiros não iam tão apressados como desejávamos, pela simples razão de não têmos artilheiros, sendo o melhor que tínhamos o Chico de Barros, que o Snr. Mateus conhece, o camarada do Vicente Leite. O Boaventura e o Viana, ainda assim faziam os impossíveis, secundados com denodo por companheiros como Luís Aranha, Capitão Silva (o nosso Chico Rato) parente de vmcs. e outros bravos, cujos nomes agora me passam do sentido, mas que direi ainda.

207. Soldados do Exército Imperial que se fardavam de verde.

Tinham já dado uns oito tiros, pois iam acertando com a pontaria, quando o granizo das nutridas descargas dos negrinhos começou a dar sério, ora num ora noutro dos nossos, que nenhum trôco podiam dar de fuzilaria, pois só então verificaram nada valerem as suas espingardinhas de caça, em frente às reiunas (208) de formidável adarme e alcance de 400 passos e mais, rapidamente manejadas, como estavam.

O pequeno grupo dos nossos que, no começo, não sei se chegariam a uns 60, pois que os mais nem puderam buscar as armas e só trataram de salvar-se, foi já se reduzindo pela retirada, ora de um ora de outro, enquanto o permitia a manobra do inimigo, (caçadores-fuzileiros) que a cada descarga deitavam-se para carregar as armas, e erguendo-se davam poucos passos, atiravam e repetiam a manobra”.

“Pois eu ia dizendo que o primeiro grupo dos nossos, não excedendo de uns 60, diminuía, ora de um ora de outro, até resumir por fim no punhado de bravos, que loucamente parecia querer morrer, mas não recuar de junto às duas pequenas bocas de fogo, até ali centro da ação, mas já então caladas.

E, de fato, assim o fizeram! Foram o grupo de heróis! pequeno em número, mas imenso em valor!”

Se a Tobias de Aguiar faltava o prestígio pessoal no seio da população paulista, assim como qualidades para chefe militar revolucionário, como afirma João Batista de Moraes; se o resultado geral da revolta nada deixou que recomendasse a tropa liberal da província; Campinas diferiu de toda a inação dos revolucionários, primeiramente pelas notícias de que iriam ocupar sua própria cidade, e depois pelos boatos de que seus soldados atacariam a capital, despertando as atenções do alto comando das tropas imperiais que destacou o coronel Bezerra, e suficiente força, para ir combater os revolucionários de Campinas, no seu próprio ambiente, única arregimentação revolucionária que mereceu esse cuidado do comando de Caxias.

E foi em Campinas que o exército imperial encontrou resistência e que foi recebido sob fogo, salvando-se, ao menos aqui, o pundonor do qual se orgulhava Feijó (196). Foi aqui que o sangue paulista e campineiro ensopou o solo da província, na coragem “de um punhado de bravos, que loucamente parecia querer morrer mas não recuar”.

208. Reiuna é uma espingarda que se usava no Exército Brasileiro.

Caxias foi um combatente de sublevações, mas, acima de tudo, um pacificador generoso. Vihena de Moraes estendeu-se nos casos vários da atitude deste general em chefe que desde a abrilada multiplicou a sua benevolência para com os vencidos, prendeu-os pela força mas dominou-os pelo proceder cavalheiresco e fraterno de compatriota; o grande general "jamais viu lançar-lhe alguém em rosto, em sua longa existência, o labéu de uma violência inútil, de um abuso de força" (209). Não tomaria ele medidas rigorosas contra os revoltosos de Campinas, se não vislumbrasse risco para os imperiais, na ação deste setor revolucionário campinense.

Não teve Campinas a ventura de conhecer Caxias; ele permaneceu em São Paulo no comando geral, e enviou um corpo do exército sob o comando do tenente coronel José Vicente de Amorim Bezerra, surprender os revoltosos. E realmente a operação foi fulminante, bem indicando que se tratava de um inimigo respeitável, mal chegada a tropa da capital passando por Campinas e desfechando o ataque à Venda Grande. "O inimigo que se apresentara em campo, depois de se entrincheirar e resistir por algum tempo, foi desalojado e pôsto em completa debandada, com perdas de 17 mortos (vistos no campo) 15 prisioneiros, artilharia e bagagem".

Esta exposição de caráter oficial do revés da Venda Grande, completa-se com a proclamação do comando geral quando se refere ao desbarato do corpo revolucionário de Sorocaba, "debandado receando os sucessos iguais aos experimentados às portas de Campinas" (210). Tais sucessos, no dizer do registro oficial, foram terrificantes.

---

209. E. Vilhena de Moraes, «Caxias em São Paulo» 2.

210. E. Vilhena de Moraes, ob. cit. 70. Nesta obra, assim como em outras consultadas, não encontramos referência à estadia de Caxias em Campinas. De confabulações que tivemos com o Tenente Coronel Fausto Avelino Barreto Henning, diretor da Fazenda Militar do Chapadão e dedicado aos seus fatos históricos, ouvimos a observação de que, habitualmente, visitava o Comandante em Chefe os lugares onde se haviam travado combates. Pelo mesmo militar tivemos conhecimento da afirmativa do Tenente Pedro Gagini, em seu «Fragmentos da História da Polícia de São Paulo», que Caxias havia estado presente ao entêrro de Boaventura do Amaral.

Ora, Boaventura com os outros mortos em combate, foi sepultado próximo ao sobrado do Engenho da Lagoa e seu enterramento se deu a 8 de junho. Caxias não teria tido tempo para saber do resultado do combate e locomover-se de São Paulo, pois a viagem então, exigia dois dias de marcha a cavalo.

Numa rememoração cronológica, não encontramos dia para Caxias ter estado em Campinas: deu ele a missão de combater os revoltosos campinenses ao Tenente Coronel José Vicente de Amorim Bezerra que

137

Debelada a revolta, serenada a província e afastado o risco da ação revolucionária, seguiu-se o inquérito de processo crime, notabilizado pela sofreguidão e superficialidade com que foi conduzido nas inquirições, nas conclusões e no decretar da prisão de responsáveis. No segundo volume dêste inquérito (211) no qual se reúnem as providências policiais tomadas, em Pôrto Feliz aos 15/10/1842; em Itu aos 17 do mesmo mês; em Capivari no dia 20; na Constituição (Piracicaba) dia 22; na Limeira dia 24; em Moji Mirim dia 26; e, finalmente, em Campinas no dia 31, como se vê nos despachos precedidos dos depoimentos, sente-se bem o esforço pelo olvido das divergências político-militares.

Em Campinas, excluídos alguns que foram presos pelas forças do govêrno e outros entregues a conselho de guerra (212), decretaram-se, no porcesso crime, apenas as prisões de Antônio Manuel Teixeira e de Reginaldo Antônio de Moraes Sales; o primeiro expatriou-se e do segundo pode-se dizer que sua absolvição demonstrou "a tolerância que dominava entre os amigos do govêrno e chefes políticos" (213). Tôda a ação punitiva se caracterizou pela prudente benevolência; os conservadores e os sediciosos eram irmãos paulistas e ninguém os queria executados.

Disse João Mendes de Almeida (214) em 1886, que "a crônica, para ser completa, deve haurir nos mesmos lugares dos acontecimentos, os fatos e as circunstâncias, examinando até os livros domésticos. A história de uma nação não é sòmente a crônica de sua capital e das cidades principais: muitas vêzes o arquivo de uma pequena vila encerra documentos que serão para o historiador filósofo a explicação de sucessos, se não esquecidos pela desídia, pelo mêdo, pela lisonja, deturpados por conveniências que na época pareceram respeitáveis".

---

partiu de São Paulo a 3 de julho; fêz alto em Jundiá e chegou a Campinas às 10 horas do dia 6, aquartelando sua tropa; a 7 atacou e venceu os revolucionários, permanecendo em Campinas e comunicndo sua vitória a São Paulo.

A notícia do aniquilamento das forças revolucionárias de Campinas, chegou a São Paulo dia 11, causando grande desânimo às tropas de Tobias. Neste mesmo dia Caxias procurou atacá-las na ponte de Cotia, e dia 12 mandou fazer um ataque «de revés» enquanto êle as enfrentava. Dia 13, depois de uma proclamação, determinou aos comandos subordinados de Leite Pacheco, Bloem e Amorim Bezerra, que fôssem encontrá-lo no alto da Boa Vista, em Sorocaba, contentando tôdas as suas forças.

211. Biblioteca particular do Dr. Antônio Augusto de Meneses Drumond.

212. Francisco Teixeira Nogueira, como declarou o Chefe de Polícia, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo XII 568.

213. João Batista de Moraes, ob. cit. XII 616.

214. João Mendes de Almeida, «Algumas Notas Genealógicas».

A crônica local tomou aspeto lamurioso. Zaluar (215) o jornalista viajante que percorreu a província por volta de 1860, não quis esclarecer, mas registrou com reticências os sucessos "experimentados às portas de Campinas": "foi perto da cidade de Campinas que se passou o trágico episódio político de 1842, no sítio denominado Venda Grande. Conheci e tive ocasião de relacionar-me com muitas pessoas que tomaram parte muito ativa nesse desastroso conflito, e que assistiram a tôdas as peripécias dêsse drama sangüinário e lutuoso. É uma página da história cuja mancha ainda não pôde apagar a mão do tempo, para que ela se tornasse legível à luz da publicidade. As legendas dêsse dia funesto correm no entanto na bôca do povo com tôda a mágoa de uma tradição fratricida. Não serei eu quem levante a cortina que ainda envolve os mistérios dessa lamentável cena".

É ainda Zaluar (216) quem, na sua exposição reticente, revela o que ouviu de um seu amigo: "não lhe repetirei qual foi a causa desta revolta, nem tampouco quais foram as suas funestas conseqüências, pois não são estranhas a nenhum de nós; mas vou contar-lhe um fato acontecido na Venda Grande que não deixa de ser curioso e singular. Depois de terem sido os insurgentes batidos, fuzilados e dispersados pelas forças imperiais, os soldados, para completar a vitória, foram, de espadas nuas, espingardas e baionetas, dar busca em roda da casa e pelo mato, a ver se encontravam ainda algum desgraçado que tivesse escapado do seu furor".

Dedica-se à morte do capitão Boaventura do Amaral, a crônica do Dr. Ricardo: "comandava a mesquinha artilharia paulista no infeliz combate da Venda Grande, um paulista da mais apurada nobreza — Amaral e Camargo — por nome Boaventura Soares do Amaral (217). Era capitão da 2ª linha e durante anos militou nas campanhas do Sul contra os castelhanos. Melhor do que ninguém ele conhecia as impossibilidades de lutar com vantagem com o governo, porém prêso por sentimentos exagerados de gratidão ao brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, ele acudiu ao chamado dêsse, aceitou o comando das peças, e marchou como paciente para o cadafalso. Houve a debandada dos provincianos, mas o capitão Boaventura não cuidava de si — recusou abandonar o pôsto, e, quando se viu cercado pelo inimigo, quis constituir-se prisioneiro de um oficial cujo camarada d'armas fôra no sul, a fim de obter garantia de sua vida. Ele ofereceu sua espada ao

215. Augusto Emílio Zaluar, «Peregrinação pela Província de São Paulo» 157.

216. Augusto Emílio Zaluar, ob. cit. 165.

217. Assinava Boaventura d'Amaral Camargo.

referido oficial", mas este "virou as costas deixando o paulista à mercê da tropa. Prenderam-no e no ato propositalmente feriram-no levando-o para a casa da antiga fazenda que era sobrado. Aí atiraram-no a uma cama e na mesma noite os soldados assassinaram-no a sangue frio".

Mais outras notas, agora na modéstia dos apontamentos caseiros, na pequenez de uma cadernetinha de registros íntimos, de lembranças caras ou ltuosas, alcançaram nossos dias (192), revelando um enternecido coração feminino que folga em anotar as festas de suas bodas ou soluça nos detalhes da morte de ente querido, para, depois, deplorar o desfêcho soturno da Venda Grande. Sua autora foi D. Ana Gabriela de Castro Camargo, casada com Joaquim Roberto Alves, escrivão do inquérito criminal. No seu livrinho de família, estão as palavras seguintes: "deram o ataque na Venda Grande a 7 de junho de 1842 às duas horas da tarde e, dizem, morreram na ação Joaquim Camarada e Pedro Aleixo; ficaram baleados muitos que morreram assassinados depois da ação, Comandante Boaventura e mais pessoas. Triste cousa".

Colhendo a escrita tradição familiar que galvanizou o feito do capitão Boaventura do Amaral para simbolizar em Campinas o sentir patriótico, a pureza de convicção e a consciência de lealdade, entende-se Campinas chorando sempre os seus mortos e figurando em Boaventura o símbolo do sacrifício de 1842. Este militar findou de armas na mão; foi valoroso e intrépido, e dignamente seguido pelo "punhado de bravos" como relatou Antônio Manuel Teixeira; seguido pelo capitão Francisco Teixeira Nogueira que, submetido a conselho de guerra e condenado à morte no Rio de Janeiro, interrompeu na prisão um jôgo de cartas para ouvir sua sentença à pena máxima, e, terminada a leitura, superior e serenamente disse ao parceiro: "dê cartas" (218); símile do valente padre Feijó que, inválido e já vencido, em 14 de junho, ainda escrevia ao comandante em chefe das forças vitoriosas do govêrno: "eu estaria em campo com minha espingarda na mão, se não estivesse moribundo".

As tropas imperiais ainda permaneceram em Campinas, pois, em 21/6/1842, recebia a Câmara um ofício "do Tenente Coronel Comandante das fôrças em operação nesta Comarca". Na mesma sessão da Camara justificavam-se os vereadores encarregados, de não terem "organizado as duas Companhias, sendo uma de Cavalaria e outra de Infantaria, segundo fôra ordenado, por não lhe terem sido fornecido as listas das Companhias dissolvidas".

Ainda resolveu-se demitir o "Secretário da Câmara Alferes Raimundo Álvares dos Santos Prado pelos motivos públicos e notórios".

O alferes Raimundo fôra revolucionário, e a Câmara era conservadora. Mas a situação política mudou, subindo os liberais já no início de 1843, voltando o alferes Raimundo para a Câmara, não como secretário, mas como vereador eleito. Em 14/3/1843, foi promulgada a lei com estes dizeres: "Ficam anistiados todos os crimes políticos cometidos em o ano de 1842 nas províncias de São Paulo e Minas Gerais, e em perpétuo silêncio os processos que por motivo deles se tenham instaurado". Mas, como o ideal não morre, vemos a seguir, na história política do país, grandes liberais paulistas alcunhados de "os Vendas Grandes", nome indelével na vida de Campinas.

Os despojos dos sacrificados na Venda Grande não foram esquecidos pelos seus contemporâneos; lê-se na "Gazeta de Campinas" de 16/7/1882: "Um ato de religiosa piedade, que assaz honrou a quem o promovera, o considerado chefe liberal sr. Joaquim Bonifácio do Amaral, hoje Visconde de Indaiatuba", "com alguns correligionários e companheiros daquela malograda jornada, dirigiu-se êle ao campo de combate, onde havia um sinal de sepultura daqueles valentes, cujos ossos com todo acatamento exumados e colocados num decente féretro, foram trasladados para uma das igrejas da cidade e após os fúnebres ofícios e piedosas visitas, levados solenemente ao cemitério público".

Dos relatórios e crônicas publicadas (219), foi possível reunir cinqüenta e nove nomes componentes do corpo revolucionário que entrou em combate, nomes que foram colhidos em fontes diversas: Ângelo Custódio Teixeira Nogueira, Antônio Alfaiate, Antônio Castelhana, Antônio de Cerqueira, Antônio Custódio de Moraes, Antônio Joaquim Viana, Antônio Manuel Teixeira, Antônio Pio Correia Bitencourt, Bento Martins, Boaventura do Amaral Camargo, oficial reformado, Cândido Pompeu, Carlos Augusto do Amaral, Casemiro de Lima, Emídio Carpinteiro, Filipe César de Cerqueira Leite, Fidêncio Bueno de Camargo, Floriano de Lima, Florido José de Moraes, Francisco de Assis Pupo, Francisco de Barros Leite (Chico de Barros), Francisco Borges da Cunha, Francisco Cardoso, Francisco Dias Aranha, Francisco José da Silva (Chico Rato, oficial), Francisco Luís das Chagas, Francisco Marcelino de Moraes, Francisco Teixeira Nogueira, oficial reformado, Gonçalo da Silva, Inácio de Oliveira, João Batista

219. «Correio Paulistano», São Paulo 23/8/1942, e outras diversas fontes.

Pupo de Moraes, João Dias Aranha, João Evangelista Monteiro, João Francisco Alfaiate, João Sapateiro, João Tamoio, Joaquim Bonifácio do Amaral, Joaquim Camarada, Joaquim Custódio de Lima, Joaquim Incarnação, Joaquim Pinto de Camargo, José Antônio da Silva, José Inocêncio de Camargo o Teco, José Inácio Teixeira, José Cavalheiro, José Maria do Nascimento, José Pedro, José Xavier Leite, Luciano Teixeira Nogueira, Luís Dias Aranha, Malaquias de Tal, Manuel Fernandes Palhares, Manuel Joaquim Ferraz, Manuel Silvestre da Cunha Martins, Modesto Correia, Nogueime, Pedro Aleixo, Pedro Aranha, Reginaldo Antônio de Moraes Sales, Rodrigo César de Cerqueira.

~~Do mesmo autor "Campeão de São Paulo"~~  
DOM PEDRO II

Toda a efervescência do sete de abril que ocasionou a abdicação de Dom Pedro I, fundada num liberalismo que já se inclinava para maiores conquistas políticas extremadas, amainou com a proclamação de Dom Pedro II, o infante que pôde, como disseram sociólogos eruditos, com o berço salvar o trono; estabilizou-se e fundamentou bem uma linha partidária que permaneceu por todo o decorrer do segundo império.

Dom Pedro II foi o príncipe brasileiro que satisfaz os anseios nativistas, exarcebados com rasgos do nosso primeiro imperador, o moço vibrante que teve para redimir arroubos de um temperamento exaltado, as suas qualidades de forte personalidade fundadora de um império e baluarte valoroso da constitucionalização extintora do absolutismo. Dom Pedro II foi o menino que trouxe a tranqüilidade em 1831 e o adolescente que serenou a agitação política com sua maioridade.

A abdicação pôs o Brasil nas mãos das regências que singraram pela vida política e administrativa do país, ao sabor das vagas de insatisfação e intranqüilidade, vencidas pela segurança do poder central fortalecido e mantenedor da nossa integridade territorial, até a maioridade que estabeleceu de vez o espírito unificador da pátria, com o soberano brasileiro que se tornou exemplo de amor por um Brasil unido.

Apuradamente justiciero, patriota, de intransigente honrabilidade, profundamente bom, Dom Pedro II nos levou para o esquecimento das lutas separatistas e para a estabilização das duas fisionomias partidárias, a liberal de raízes libertadoras anteriores à independência, e a conservadora que, segundo alguns, tinha origens no aulicismo do primeiro império. Assim, não alcançou a pessoa do Imperador a mágua campinense de 1842.

A Câmara Municipal de Campinas mudara de fisionomia político-partidária com as eleições do alvorecer de 1844, conduzindo para ela os liberais, reflexo da situação política do país que se tornara liberal com o ministério de 2 de fevereiro do mesmo ano. Compunha-se ela dos seguintes vereadores: Querubim Uriel Ribeiro de Camargo e Castro, Luciano Teixeira Nogueira, Bernardo José de Sampaio, Joaquim Policarpo Aranha (futuro barão de Itapura), Diogo Benedito dos Santos Prado, Francisco de Paula Sales, Manuel Fernandes Palhares, José de Barros Penteadado e Quirino de Amaral Campos (o professor). Sucedia esta Câmara liberal à conservadora cujo partido deixou em 2/2/1844 para os liberais afastados desde 23/3/1841 e que agora voltam a ocupar as posições políticas.

Empossada a nova Câmara de 1844, não tardou a aprovação de uma circular às Câmaras da província, concitando-as a representarem à Assembleia Geral pela revogação de artigos de lei que compuseram a reforma dos Códigos, motivo da revolução de 42; e a circular alcançou bons resultados; pois, logo após a sua remessa, já respondiam as Câmaras da cidade de São Paulo e de São Vicente, Santa Isabel, Lorena, Pôrto Feliz, São José, Santos, Capivari, Cananéia, Pindamonhangaba, Itapeva, Cunha, Vila Bela da Princesa, Constituição, São Luís, Itu, Franca do Imperador, São Sebastião e outras, marcando o domínio do partido liberal.

Da volta política dos liberais, resultou o recebimento por eles da visita do Imperador em 1846, com ausência quase integral dos conservadores, pois, na época, não era possível reunir, para júbilos e suas solenidades, as duas facções que só se solidarizavam parcial e reservadamente, nas atribulações, como vimos nos embates de 1842. Condigna foi a recepção à Sua Majestade, o jovem que, pelos seus altos dotes, conquistava o Brasil, unindo-o ao trono como confirmaram as dezenas de anos do seu justiceiro reinado. Benedito Otávio (220) pesquisou e descreveu, com a sua capacidade de historiador, com a sua probidade e com a sua versatilidade de escritor culto, as festas da recepção de 1846.

Em terras da província, Sua Majestade quis, com atos das primeiras concessões honoríficas a campineiros, demonstrar consideração por Campinas, onde chegou trazendo, assinado em São Paulo a 14 de março, o decreto de concessão da Ordem da Rosa "ao Tenente Coronel Antônio Manuel Teixeira", justamente o chefe revolucionário de 42, o que foi nomeado comandante das forças sublevadas em Campinas pelo Brigadeiro Tobias. Quere-

---

220. Benedito Otávio de Oliveira, «Campinas Antiga».

ria o Imperador demonstrar sua reprovação aos excessos contra os vencidos da Venda Grande? Depois de nos deixar, por decreto de 7 de abril, concedeu a Ordem de Cristo, como cavaleiros, ao Dr. Francisco de Assis Pupo, juiz municipal de Campinas, e ao alferes Raimundo Alvares dos Santos Prado, ambos revolucionários de 42; a Ordem da Rosa, no grau de oficial, foi outorgada a Querubim Uriel Ribeiro de Camargo e Castro (conservador); no grau de cavaleiros, ao capitão Joaquim Bonifácio do Amaral (futuro Visconde de Indaiatuba) e ao Dr. Teodoro Langard. Foram, assim, os liberais, os primeiros campinenses a receber da munificência imperial, as veneras que, geralmente, precedem os títulos nobiliárquicos.

Campinas não vivera alheia ao oficialismo do país; as visitas periódicas dos ouvidores; a amizade de Francisco de Paula Camargo com o Conde dos Arcos a quem visitava no Rio de Janeiro; o batizado do filho do comandante militar Francisco Antônio de Paula Nogueira da Gama, ligado, assim como seus parentes de Campinas, à mais alta nobreza do Império, cujo filho batizando teve por padrinho o capitão general da província representado por Daniel Pedro Muler, presente na vila para a solenidade; o mestre de primeiras letras e senhor de engenho em Campinas, padre Diogo Antônio Feijó, deputado em Lisboa em 1821, ministro do Império na pasta da justiça em 1832 e regente até 1835; o deputado e presidente de província Francisco Álvares Machado de Vasconcelos; os comissários de açúcar em Santos onde esteve, de 1824 a 1838, Angelo Custódio Teixeira Nogueira como sócio do sogro e cunhado major Teodoro Ferraz Leite; as relações de outros comissários como o inglês Guilherme Whitaker que se correspondia assiduamente com Campinas; pessoas de fora atraídas pela feracidade do nosso sólo e que aqui aumentaram suas fortunas como Francisco Antônio e Luís Antônio de Sousa e seus herdeiros, o conselheiro Albino José Barbosa de Oliveira, os Sousa-Barros, os Sousa-Resendes, a Marquesa de Vaçença e outros, projetavam Campinas para a evidência que merecia pelos trabalhos dos seus filhos nesta terra dadivosa.

Com a velha tradição monárquica em que nasceu e prosperou, as convicções pessoais não divergiam do espírito tradicionalista; os reis eram respeitados e estimados e o conforto sóbrio marcava os lares mais abastados, que, com generosidade pessoal e desprendida liberalidade, davam a Campinas o característico de altamente fidalga, fundamentando um prestígio que avultaria na segunda metade do século. A visita Imperial não veio despertar um apuramento nos encontros sociais ou no gosto pelas situações de relêvo, mas veio impulsionar uma natural tendência para o refi-

namento já existente, que, para o bem da cidade, cresceu homogêneo nos hábitos e na cultura.

Dom Pedro II, quando nos visitou, era um m<sup>o</sup>ço de vinte e um anos, e já tinha esmeradíssima educação com adiantadíssima cultura haurida quer em francês, castelhano, italiano, latim, inglês e alemão, línguas que ele dominou; foi um filósofo e poeta, conhecendo as ciências exatas e naturais, para tornar-se o "homem extraordinário" como o qualificou Nietzsche. Tal m<sup>o</sup>ço, o contacto que teve com gente nossa das melhores, não podia fugir de deixar indelével a sua passagem por Campinas, com traços fundos que não ficaram descritos mas que a inteligência humana não tem meios para recusar.

Do mesmo autor "Campinas Seu  
Berço e Juventude"

### CAPÍTULO III

## INFLUÊNCIA DO CAFÉ

O ALVORECER. BRAÇO LIVRE. O TRANSPORTE E A  
CIDADE. CAMPINAS IMPERIAL. VIVÊNCIA DE CAM-  
PINAL IMPERIAL. CONSTRUÇÕES CAFELISTAS. ARTE.  
CARLOS GOMES. NA REPÚBLICA. FEBRE E FENIX.  
HOJE.

### O ALVORECER

O início da cultura de café em Campinas é mais um dos problemas históricos que, depois de uma antiga hipótese, não se cogitou de esclarecer. Conta Correia de Melo (221) que Antônio Francisco de Andrade plantara café e, em 1807 ou 1809, colhia e o estendia em frente a seu sobrado da rua Francisco Glicério, para secar. Ficou, então, certo de ter o sábio falado de um pioneiro; Correia de Melo ainda nos informa que Raimundo Álvares dos Santos Prado, o primeiro deste nome, e que foi candidato a capitão-mor de Campinas, possuía no quintal do seu sobrado, em Jundiaí, um pé de café oriundo de semente que lhe deu o amigo Antônio Manuel de Melo Castro e Mendonça, capitão general de São Paulo, e que, das sementes deste pé, se originam os cafêzais de Campinas.

Afonso d'Escragnole Taunay (222) põe em dúvida a prioridade de Antônio Francisco de Andrade na plantação de café em Campinas, afirmando que "é provável que haja aí ocorrido um desses desvios a cada passo nascido da deturpação da tradição oral; e que o plantador deste cafêzal não haja sido Antônio Francisco de Andrade". Duvidando da primazia de Andrade no cafêzal para produção de lucro, Taunay aceita como certa a tradição de que "está fora de dúvida que os cafês de Campinas procederam

221. Joaquim Corrêia de Melo, «Café-Campinas» em «Cidade de Campinas em 1900», 99.

222. Afonso d'Escragnole Taunay, «História do Café», 323 e 332.



## MISTÉRIO A DESVENDAR

Vimos agora movidos por uma imposição de justiça, no sentido de desvendar o mistério do massacre de Venda Grande, relativamente ao fato do século passado que tanto emocionou a gente de Campinas.<sup>1</sup>

A permanência do mistério perpetuou injustiça de suspeição a órgãos que têm direito à pesquisa esclarecedora e à eliminação de qualquer dúvida sobre seu passado. Isto, mesmo depois de nossa publicação anterior, não foi eliminado de nossos cuidados, de nossas pesquisas, buscando o justo agora com oportunidade de divulgação.

As afirmativas reticentes do Dr. Ricardo Gumbleton Daunt e de Zaluar, e o queixume de Ana Gabriela, podem hoje ser esclarecidos levantando-se "a cortina que ainda envolve os mistérios dessa lamentável cena" causadora de profunda e duradoura mágoa como, ainda nas primeiras décadas do século vinte, pudemos sentir. Discorremos sobre este único encontro

cruento na província de São Paulo transcrevendo:

*"As legendas desse dia funesto correm no entanto na boca do povo com toda a mágoa de uma tradição fratricida. Não serei eu quem levante a cortina que ainda envolve os mistérios dessa lamentável cena" (Zaluar)<sup>2</sup>.*

*"Prenderam-no e no ato propositalmente feriram-no levando-o para a casa antiga da fazenda que era sobrado. Aí atiraram-no na cama e na mesma noite os soldados assassinaram-no a sangue frio" (Dr. Daunt)<sup>3</sup>.*

*"Morreram na ação Joaquim Camarada e Pedro Aleixo; ficaram baleados muitos que morreram assassinados depois da ação, Comandante Boaventura e mais pessoas" (Ana Gabriela)<sup>4</sup>.*

O combate se iniciou com a presença da cavalaria imperial "no alto do pasto", Fazenda Chapadão, recebida com tiros da artilharia dos revolucionários. Se tivesse havido revide da cavalaria (que não houve) contra os disparos da arcaica artilharia revolucionária, nada haveria de crítica, assim como não se pode estranhar a reação dos revolucionários ao serem atacados pela retaguarda, pela infantaria, esta com armas de maior alcance contra as armas de caça dos liberais; os fatos posteriores relatados pelos cronistas da época é que exigem uma revisão.

O relato do Dr. Ricardo é posterior a 1845, quando ele aportou a Campinas. Em 1846 Dom Pedro II visitou esta cidade e condecorou muitos liberais e, apenas, um conservador, não podendo haver qual-

137

quer temor em se dizer a verdade. Zaluar só veio para o Brasil em 1849 e passou pela nossa província em 1860-61, quando nada o impedia de denunciar a tropa responsável; mas se limitou a dizer: "não serei eu quem levante a cortina", quando poderia e deveria relatar a verdade.

Os contemporâneos de 42 eternizaram o mistério, hoje injustificável, mas, então, fundamentado pelo profundo e unânime pendor religioso da população. O século dezenove se classifica pela convicção religiosa dominadora de todas as consciências, com seus princípios sólidos e com suas credences e exageros naturais da enraizada fé religiosa.

Gozavam os sacerdotes de uma aura de respeito que chegava ao rigor de se encobrirem faltas nunca referidas no temor de atingir o que neles havia de sagrado. Os desmandos de alguns não tisonavam sua reputação e eram resguardados por uma discrição temerosa que não ousava transpor os limites de restrita intimidade, conservando mistérios não desvendados até hoje, como resultou para a moderna discussão sobre a paternidade de Feijó.

### AS TROPAS ATACANTES

Nesta cidade já se achava uma tropa mercenária organizada e mantida pelo chefe conservador de Moji-Mirim, João José Vieira Ramalho, que também participou do ataque à concentração dos revolucionários, aos 7 de junho de 1842, desbaratados estes com poucas mortes e prisões, recolhidos os feridos ao sobrado do engenho onde, durante a noite, vitimou-se uma chacina.

**Do** ressentimento da população de Campinas e dos relatos de

escritores acima citados e que não quiserem levantar o véu do mistério que vem atravessando os séculos mas, que facilmente pode ser considerado como excesso de uma tropa sem culpa, que se busque a verdade a fim de que não se consolide alguma injustiça; assim, mesmo tarde, que "se levante o véu" de verdade.

Justo é que se inicie julgando a atuação militar, a partir do comandante em chefe das forças, preferencialmente chamadas pacificadoras. Significativamente o guerreiro Caxias teve a alcunha de pacificador; e esta alcunha mais se justifica em pesquisas que se faça na história do movimento armado de 1842.

Caxias não quis atacar os revolucionários em Pinheiros; preferiu a inércia, sua e do inimigo, precursora do desânimo de revoltosos. Enviou o Coronel Bezerra com tropas para evitar a tomada de Campinas pelos revolucionários que para tanto se preparavam, que acumulavam forças sem esconder o próprio objetivo militar. Estrategicamente agiu a tropa imperial chegando a Campinas e desenvolvendo seu ataque já no dia seguinte, quando tudo levava a crer que se demorasse no desfecho deste ataque. O imediatismo da ação, para o comando Bezerra, justificava-se por surpreender os liberais, como realmente surpreenderam, tão displicentes que se achavam afastados do seu quartel general, pescando ou ocupados em folganças, o que permitiu um encontro sangrento com pequeno número de revoltosos, encontro

desastroso para estes, não só pelas baixas causadas, mas, principalmente, pelo desânimo produzido em toda a falange liberal da província.

Sabidamente pacifista a conduta de Caxias, nunca poderia ele autorizar a seus comandados a execução de um massacre de prisioneiros de guerra, como se realizou em Venda Grande. Mas se procurarmos algum outro motor para o massacre, o primeiro passo seria pesquisar sobre a composição das forças atacantes.

Os imperiais se compunham de cavalaria e infantaria para combater artilharia e infantaria. O comando Bezerra tinha, é evidente, perfeitas informações sobre o inimigo e, assim, iniciou o ataque com a cavalaria transpondo a fazenda Chapadão pela "velha estrada da Limeira". Melhor diremos que iniciou uma provocação, pois, apenas se fizeram ver produzindo a reação dos revolucionários com disparos de dois pequenos canhões já arcaicos e não mais em uso por forças regulares que dispunham de material moderno, quando já não mais se utilizavam de canhões de projétil esférico não explosivo, como tinham os liberais.

Despertados os cuidados dos liberais para o possível ataque vindo do Chapadão e colocando-se em posição para esta defesa, surgiu então a infantaria imperial pela retaguarda percorrendo a nova estrada — Campinas-Piracicaba — (atual Campinas-Barão Geraldo) a surpreender pela segunda vez os revoltosos levando-os ao desânimo e à derrota breve com o seu arma-

mento de armas de caça contra fuzis de maior alcance de infantaria imperial<sup>5</sup>.

Terminado o combate, reunida a tropa, após as chamadas, verificações, descansos, etc., a tropa imperial "pondo pela frente os prisioneiros, rompia a marcha em direção a Campinas, onde chegou pelas onze horas da noite"; diz Omar Simões Magro<sup>6</sup>. De Venda Grande à cidade, levaria uma tropa em marcha normal, com prisioneiros, pelos seus oito quilômetros da estrada primitiva e irregular, o mínimo de tempo oitenta minutos, devendo, portanto, ter deixado a Venda Grande depois das vinte e uma horas, o que a exclui da acusação do massacre.

Colaborando com a tropa imperial, participou do combate a tropa irregular de mercenários organizada e sustentada por Monsenhor João José Vieira Ramalho, como relata Lauro Monteiro de Carvalho e Silva a fls. 29 do seu "Mojim-Mirim (subsídios para a sua história)":

*"Mons. João Vieira Ramalho, português, veio moço para o Brasil. É um dos vultos mais importantes na história da Província de São Paulo na primeira metade do século XIX. Foi um dos fundadores de São João da Boa Vista, de onde veio para Moji-Mirim, onde fixou residência. Foi deputado provincial em quatro legislaturas. Em 1842, fervoroso legalista, organizou e manteve numeroso contingente de milicianos, impedindo que a revolta se alastrasse pelos municípios de Oeste. Comandante militar de Moji-Mirim em 1842,*

*para combater a revolução chefiada por Rafael Tobias de Aguiar. Eleito deputado geral nas 8ª e 9ª legislaturas (1850-1856) e escolhido senador do Império (1853). Faleceu em 26 de junho de 1853, como monsenhor honorário da Capela Imperial e comendador da Ordem do Cruzeiro e da de Cristo".*

## A TROPA MERCENÁRIA

Não podemos responsabilizar diretamente pelo massacre, o Monsenhor Ramalho; mas responde ele por omissão trazendo e aqui deixando tropa de façanhudos desordeiros comandada por irresponsável. Seus asseclas, desde que chegaram a Campinas, permitiram a Florence informar em seu artigo de 8/6/1882: "A força paisana atinge a mil homens depois que chegou o padre João Ramalho com seu avultado contingente de sequazes meio fanáticos das bandas de S. João do Jaguarí, os quais prometem fazer e acontecer, que há de ser um dia de juízo". E disse mais: "senão fosse a vinda de força de linha, ao mando do Coronel Bezerra, com o que já tudo mudou em organização e disciplina".

Sendo a força de Bezerra o fator de organização e disciplina, infelizes foram os prisioneiros feridos liberais, acomodados no sobrado do engenho que, retirada a tropa imperial, ficaram à mercê dos fanáticos do padre Ramalho, evidentemente os algozes dos prisioneiros feridos. É ainda Florence (publicação de 14/06/1882) quem relata a maldade contra Antônio Joaquim Viana, seriamente ferido

140

em combate e tomado como morto, mas salvo pelo seu amigo Antônio Roxo-Forte que o trouxe para a cidade a procura de socorro médico. Ao chegarem à cidade, não faltou o fanático que sabendo da presença de Viana ferido, que com as mãos comprimia as feridas para conter o sangue, atingiu-o covardemente com novos balaços desejando matá-lo. E na mesma publicação conta Florence o caso de assassinato de "uma criança inerte" servindo na venda grande, "que, apesar de implorar piedade, fora varada pela bala da infame arma".

Então, o pânico foi trazido a Campinas pelos fanáticos mercenários do Padre Ramalho, e a ordem, a disciplina estabelecida pela tropa imperial sob o comando do tenente-coronel Bezerra. Terminado o combate de Venda Grande, retirou-se a tropa imperial para a cidade com os prisioneiros, cabendo aos assalariados cuidar dos feridos, não podendo fazer supor ao comando militar, tanta covardia de uma tropa apresentada como de voluntários paulistas, expressão esta usada em comentários.

Conservou-se a tropa imperial com o seu comandante José Vicente de Amorim Bezerra, em Campinas, até 18 de junho, quando ainda subscrevia ofício datado nesta cidade.<sup>7</sup> As tropas de Campinas entraram em Sorocaba, como conta Amador Florence, a 21, com o coronel Quirino à frente de força local de Campinas. Em 20 já ali havia chegado o Barão de Caxias, à frente de sua tropa, e a 23, da mesma cidade, escrevia ao presidente da Província: "O Juiz de

Direito desta Comarca, já entrou em exercício, e amanhã pretende fazer um passeio Militar pelas vilas de Paraíba e Porto Feliz, e pela cidade de Itu, para fazer empossar as autoridades civis de tais lugares e depois voltarei a essa Capital para colher notícias sobre as Vilas do Norte, e saber quais as operações que convirão praticar em relação à Província de Minas Gerais".<sup>8</sup> Mais este documento atesta que em Campinas não esteve Caxias, como temos opinado.<sup>9</sup>

## O CAPITÃO BOAVENTURA

Tornou-se figura principal pela sua bravura na defesa das hostes liberais da Venda Grande, o capitão Boaventura do Amaral Camargo. Havia ele nascido em Itu onde foi batizado, em 1789. Participou das guerras do Sul, estando ali já em 1812. Falecendo seu pai, e feito o inventário dos bens deixados, nas declarações prestadas no processo está Boaventura citado como "solteiro, com 27 anos, soldado pago destacado no sul", com os nomes de "Tenente Boaventura Soares de Camargo", "Boaventura de Camargo e Amaral, estante na Capitania de São Pedro do Sul, estando de partida para o Rio de Janeiro" (isto em abril de 1818), e "Boaventura do Amaral Camargo Alferes da Legião de São Pedro que se acha no Sul", "que na ocasião de sua marcha levou um escravo de seu pai". Em 1842 estava residindo em Capivari ou Itu, e desta cidade partiu, em 2 de junho, comandando uma força de cavalaria

de 60 homens com destino à Venda Grande, em Campinas, aqui falecendo na noite do combate. Deixou quatro filhos, Francisco Boaventura do Amaral, Cândido do Amaral, Filadelfo do Amaral e Boaventura Anselmo do Amaral.<sup>10</sup>

Onar Simões Magro, discorrendo sobre oficiais que participaram da Venda Grande, cita "militar distinto": Boaventura do Amaral, um veterano. Tendo partido para o Sul com a legião de São Paulo, acompanhara-a em suas gloriosas marchas até que em Montevideo, foi a infantaria de que fazia parte, transformada no 7º batalhão de Caçadores. Com este regressou a São Paulo em 1829, e nele se conservou com o posto de tenente. Aí o foi buscar o brigadeiro Tobias para comandar, comissionado em capitão, o Corpo Municipal de Permanentes — origem da atual Força Pública — e nesse cargo permaneceu desde 30 de novembro de 1832 até 5 de julho de 1834. Voltando à sua unidade, obteve reforma, ainda como capitão, passando então a residir em Campinas".<sup>11</sup> Discordamos desta última afirmativa de ter o capitão Boaventura residido em Campinas, já que a documentação que conhecemos não nos autoriza a concordar com o ilustre historiador.

142

## NOTAS

1. Celso Maria de Mello Pupo, "Campinas, seu Berço e Juventude", 133.
2. Celso Maria de Mello Pupo, ob. cit., 133.
3. Celso Maria de Mello Pupo, ob. cit., 134.
4. Celso Maria de Mello Pupo, ob. cit., 134.
5. Amador Florence, "Revolução de 1842" na "Gazeta de Campinas de 10/6/1882".
6. Omar Simões Magro, "Apuros de Um Chimango" no "Diário Popular" de 16/5/1932.
7. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo XXXI, 209 e 301.
8. Anais do Museu Paulista, V. 378.
9. Celso Maria de Mello Pupo, ob. cit. 131.
10. Tabela do inventário de bens deixados pelo Padre Melchior de Pontes do Amaral, irmão de Boaventura do Amaral.
11. Omar Simões Magro, ob. cit.
- ~~12. Diz-se o Regente Feijó sobre o movimento revolucionário de 1842, que "ele reputava perdido, desde que não se realizou na capital da província" — Amador Florence, ob. cit., de 13/7/1882.~~
13. Participavam do mesmo pensamento, "Tobias de Aguiar, Feijó, Vergueiro, Álvares Machado, Floriano de Toledo, Gurgel, Dias de Toledo, Campos Mello, Rodrigues dos Santos e tantos outros paulistas distintos aderiram de todo o coração ao movimento revolucionário que se preparava e nele tomaram a mais ativa parte" — Amador Florence, ob. cit., de 13/7/1882.
14. Francisco de Assis Vieira Bueno, "Minhas Memórias 4.
15. Martins de Andrade, "A Revolução de 1842", 141.
16. João Batista de Moraes, "Revolução de 1842" na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo XII, 553.
17. Celso Maria de Mello Pupo, ob. cit. 128.
18. Omar Simões Magro, ob. cit.
19. Ramo de família, de Jundiá.
20. Rev. do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo XXXI, 294.

143  
 O Combate de Venda-Grande em 1842

- |  |   |
|--|---|
| 21. Seu nome era Angelo Custódio Teixeira Nogueira.                                | va Wiedmann e Celso Maria de Mello Pupo.                                    |
| 22. Monte-Mór.   | 24. Dr. Francisco de Assis Pupo.  |
| 23. O Departamento tinha como presidente e Vice, os acadêmicos Luís Filipe da Sil- | 25. Celso Maria de Mello Pupo, no "Diário do Povo" de 30 de agosto de 1936. |

O Professor Celso Maria de Mello Pupo é historiador e membro da Academia Campinense de Letras, Campinas, São Paulo.

de "A Defesa Nacional"  
 "Revista de Assuntos Militares e Estudos  
 de Problemas Brasileiros" Nov.-dez 1934